

CORPO IMUNE? DISCURSOS SOBRE EXERCÍCIO FÍSICO EM UMA ACADEMIA DE MUSCULAÇÃO

¿CUERPO INMUNE? DISCURSOS SOBRE EJERCICIO FÍSICO EN UN GIMNASIO DE MUSCULACIÓN

IMMUNE BODY? DISCOURSES ABOUT PHYSICAL EXERCISE IN A BODYBUILDING GYM



Thyerre TORRES¹

e-mail: thyerre.anias@facemp.edu.br



Alan Camargo SILVA²

e-mail: alancamargo10@gmail.com



Thiago Barcelos SOLIVA³

e-mail: thiago104@yahoo.com.br

Como referenciar este artigo:

TORRES, T.; SILVA, A. C.; SOLIVA, T. B. Corpo imune? Discursos sobre exercício físico em uma academia de musculação. **Rev. Cadernos de Campo**, Araraquara, v. 24, n. 00, e024021, 2024. e-ISSN: 2359-2419. DOI: <https://doi.org/10.47284/cdc.v24i00.18963>



| **Submetido em:** 25/01/2024

| **Revisões requeridas em:** 02/04/2024

| **Aprovado em:** 23/04/2024

| **Publicado em:** 11/12/2024

Editores: Profa. Dra. Maria Teresa Miceli Kerbauy
Profa. Me. Thaís Cristina Caetano de Souza
Profa. Me. Luana Estela Di Pires

¹ Centro Universitário de Ciências e Empreendedorismo (UNIFACEMP), Santo Antônio de Jesus – BA – Brasil. Professor do Centro Universitário de Ciências e Empreendedorismo (UNIFACEMP).

² Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), Rio de Janeiro – RJ – Brasil. Coordenador do Grupo de Trabalho Temático Corpo e Cultura do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (GTTCC/CBCE).

³ Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), Itabuna – BA – Brasil. Professor Adjunto do Centro de Formação em Desenvolvimento Territorial do Campus Paulo Freire da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

RESUMO: Ancorado no debate sobre medicalização, o objetivo deste estudo foi compreender as relações entre exercício físico e imunidade construídas em uma academia de musculação durante a pandemia de COVID-19. Foram trianguladas 12 entrevistas semiestruturadas aos(as) frequentadores(as) do estabelecimento com as publicações da academia em uma rede social. Para o tratamento dos dados, foram articuladas a análise de discurso e de imagens. Os resultados indicaram como os processos de medicalização constituíram, de forma múltipla, grande parte dos discursos êmico-imagéticos sobre exercício físico ante o contexto pandêmico. Conclui-se que aspectos biopsicossociais atravessam a ideia de imunidade e suas relações com o “exercitar-se” na musculação.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas corporais. Academias de ginástica. Imunidade. Medicalização. COVID-19.

***RESUMEN:** Anclado en el debate sobre la medicalización, el objetivo de este estudio fue comprender las relaciones entre el ejercicio físico y la inmunidad construidas en un gimnasio de musculación durante la pandemia de COVID-19. Se triangularon 12 entrevistas semiestructuradas a quienes frecuentan el establecimiento con las publicaciones de la academia en una red social. Para el tratamiento de los datos, se combinaron análisis del discurso y de la imagen. Los resultados indicaron cómo los procesos de medicalización constituyeron, de manera múltiple, gran parte de los discursos émico-imagéticos sobre el ejercicio físico en el contexto de pandemia. Se concluye que aspectos biopsicosociales permean la idea de inmunidad y sus relaciones con el “ejercicio” en la musculación.*

PALABRAS CLAVE: Prácticas corporales. Gimnasios. Inmunidad. Medicalización. COVID-19.

***ABSTRACT:** Anchored in the debate about medicalization, the objective of this study was to understand the relationships between physical exercise and immunity constructed in a bodybuilding gym during the COVID-19 pandemic. Twelve semi-structured interviews were triangulated with those who frequent the establishment with the academy’s publications on a social network. For data analysis, discourse and image analysis were combined. The results indicated how medicalization processes constituted, in multiple ways, a large part of the emic-imagetics discourses about physical exercise in the pandemic context. It is concluded that biopsychosocial aspects permeate the idea of immunity and its relationships with “exercising” in bodybuilding.*

KEYWORDS: Body practices. Gym. Immunity. Medicalization. COVID-19.

Introdução

A construção sócio-histórica do processo de medicalização apresenta múltiplos entendimentos acerca da intervenção da medicina na sociedade ocidental desde o século XVIII (Foucault, 1977). Os trabalhos pioneiros e clássicos de Zola (1972) e Illich (1975) denunciam a tecnificação moral do corpo e o poder controlador da medicina moderna (mas não somente...) sobre diversas instâncias da vida. Destaca-se que “a história do corpo no século XX é a de uma medicalização sem equivalente” (Moulin, 2008, p. 15).

Apesar da polissemia e da dificuldade em definir o conceito de medicalização na literatura (Camargo Júnior, 2013; Zorzanelli; Ortega; Bezerra Júnior, 2014), o presente trabalho assume a perspectiva de Conrad (2007) este trabalho adota a perspectiva de Conrad (2007), que compreende o termo como um processo em que um problema não médico é redefinido e tratado como problema médico, geralmente em termos de doenças e desordens. Assim, a medicalização da vida social pode ser entendida como a manifestação da ideologia moral da saúde, denominada *healthism* ou *bodyism* (Ortega, 2004).

Sob essa ótica, parte-se do pressuposto de que há um processo técnico-científico-mercadológico-tecnológico de biologização do social, reduzindo e patologizando o sujeito que se exercita ao responsabilizá-lo ou culpabilizá-lo pelo seu zelo à saúde (Ferreira; Castiel; Cardoso, 2012). Em outras palavras, emerge um processo de subjetivação na qual o sujeito é levado a acreditar que a promoção da saúde é uma questão meramente pessoal, de autogerenciamento e responsabilidade própria (Rohden, 2017).

Com esse panorama teórico-conceitual sobre a medicalização⁴, surge o questionamento sobre como as discussões relativas à prática de exercícios físicos em academias de musculação têm transformado as relações dos frequentadores com o cuidado medicalizado de si, especialmente no contexto da pandemia da COVID-19 (cientificamente denominada SARS-CoV-2). Este vírus é reconhecido como causador de uma síndrome respiratória aguda grave, sendo amplamente conhecido como o novo coronavírus (Pitanga; Beck; Pitanga, 2020; Pitanga *et al.*, 2021).

Sabe-se que, fisiologicamente, há uma relação entre as células brancas de defesa (leucócitos) e as respostas imunes e inflamatórias relacionadas ao exercício físico (Negrão; Barretto; Rondon, 2019). Além disso, na literatura científica do treinamento, evidencia-se a

⁴ Para mais esclarecimentos sobre medicalização, recomenda-se os textos críticos e sintéticos de Gaudenzi e Ortega (2012) e Carvalho *et al.* (2015) quando exploram não somente a construção histórica do conceito, como também situam as perspectivas teórico-metodológicos dos autores clássicos sobre esse tema.

modulação da função do sistema de defesa de acordo com a frequência, intensidade e duração da prática regular de exercício físico (Fleck; Kraemer, 2017). Entretanto, questiona-se como tais aspectos são demonstrados em dados cenários socioculturais.

Neste contexto, destaca-se que treinar o corpo é uma prática antiga desde os povos gregos e romanos, quando se preparavam para as grandes guerras ou jogos de competições (Corbin; Courtine; Vigarello, 2012). O ato de treinar veio assumindo diferentes sentidos e significados ao longo do tempo (Nogueira, 2023), assim como, em especial, as próprias academias de ginástica se modificaram de acordo com os contextos sociais e econômicos, dialogando com uma diversidade de noções de corpo, saúde e doença (Silva; Ferreira, 2020). Mais do que o aprimoramento físico-orgânico típico do compromisso da (bio)medicina moderna (Le Breton, 2016), as academias são espaços aglutinadores de pessoas que se articulam em torno de uma ideia, um estilo, um jeito de ser e de se comportar (Sabino, 2004; Silva, 2017).

Assim, sobre a relevância do presente trabalho, argumenta-se que o efeito pandêmico da COVID-19 alterou as representações acerca das relações entre imunidade e exercício físico, na direção de outros cuidados de si, como, por exemplo, na associação com a alimentação (Feldman; Goodman, 2023). Mais precisamente, indaga-se até que ponto é almejado um “corpo forte e defensivo” visto como moralmente legítimo no contexto das academias de musculação. É nesse sentido que este estudo se alinha com o intuito de contribuir ou colocar em xeque os processos de medicalização que atravessam as práticas de exercícios físicos, dialogando diretamente com a própria sociedade que se (re)constrói nesses espaços sociais (Silva, 2022).

Portanto, o objetivo deste estudo foi compreender as relações entre exercício físico e imunidade construídas em uma academia de musculação durante a pandemia da COVID-19.

Procedimentos metodológicos

Este estudo qualitativo fundamenta-se na perspectiva fenomenológica interpretativa (Schwandt, 2006), considerando que o discurso é compreendido como um jogo, inserido na ordem do significante (Foucault, 1999a), e as palavras estabelecem a ordem das coisas (Foucault, 1999b). Em consonância com a diretriz metodológica proposta por Foucault (1984, p. 13), a pesquisa orienta-se pelo propósito de “saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente em vez de legitimar o que já se sabe”.

A investigação utilizou a triangulação de técnicas, recurso que potencializa a compreensão da realidade (Turato, 2013), aplicada a uma academia de musculação localizada no interior de uma cidade do Recôncavo Baiano durante parte do período da pandemia da

COVID-19. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com frequentadores(as) e analisadas publicações do estabelecimento em uma rede social entre 2021 e 2022. No total, conduziram-se 12 entrevistas presenciais com sete mulheres e cinco homens, com idades entre 20 e 55 anos, todos com pelo menos dois anos de experiência em musculação. Além disso, o material digital analisado consistiu em 11 postagens publicadas na conta oficial da academia na plataforma Instagram. O perfil do lócus de estudo está apresentado no Quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Perfil da academia de musculação

Informação	Características
Território geográfico	O Recôncavo Baiano abrange 20 municípios de pequeno e médio portes.
Cidade	Santo Antônio de Jesus
Número de habitantes	100 mil (aproximadamente)
Localidade da academia	Centro
Estrutura	Interior de um <i>shopping center</i>
Público atendido	Variado, com renda entre quatro a 20 salários mínimos
Horário de funcionamento	5h - 21h
Número de profissionais	Sete a oito professores(as)/estagiários(as) de Educação Física
Valor da mensalidade	R\$ 125,00 - R\$ 200,00 (a depender do plano contratual)
Modalidades oferecidas	Musculação e “aulas coletivas” (funcional, <i>fit dance</i> e aeroboxe)
Ano da fundação	2001

Fonte: Elaboração da autoria.

Para o tratamento do material textual (entrevistas transcritas), utilizou-se a análise de discurso de Gill (2010, p. 250) no sentido de compreender “as funções, ou atividades, da fala e dos textos, e explorar como eles são realizados”. Para a exploração do material digital (postagens no *Instagram*), privilegiou-se a análise de imagens de Joly (1996), que sugere entender os aspectos visuais com base nas mensagens plástica, icônica e linguística. Ressalta-se que não houve a intenção de analisar se ou como os(as) participantes da pesquisa se relacionavam com o *marketing* digital do estabelecimento.

Esta investigação se orientou pelos procedimentos éticos da Resolução n.º 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Neste texto, ressalta-se que os sujeitos do estudo foram identificados por nomes fictícios.

Apresentação e discussão dos resultados

A articulação analítica dos materiais imagético-textuais supramencionados permitiu capturar dois grandes eixos discursivos: a) Exercício físico como “remédio”; b) Exercício físico como “agente imunológico”. O primeiro eixo refere-se ao suposto potencial de exercitar-se contra determinados mal-estares e o segundo, à possível potencialização de produção de

anticorpos. Destaca-se que ambos os eixos discursivos são indissociáveis e atravessados pela noção de medicalização, reportando-se especialmente ao contexto pandêmico da COVID-19.

Exercício físico como “remédio”

O discurso do exercício físico como “remédio” atravessou consideravelmente a perspectiva de grande parte dos(as) interlocutores(as). Isso ficou evidente nas entrevistas quando destacaram reiteradamente as relações medicalizadas entre a prática de exercícios físicos e a COVID-19. Embora haja estudos da época da pandemia identificando possíveis correlações entre exercício físico e redução de agravos da COVID-19 (Pitanga; Beck; Pitanga, 2020; Pitanga *et al.*, 2021), chama atenção o modo como o movimentar-se tornou-se sinônimo de não-doença.

Safi (mulher, autodeclarada parda, 38 anos) relatou que, quando vai fazer seus exames clínicos de rotina, o médico pergunta se ela faz exercícios físicos. Ela ainda acrescenta: “treinar é remédio! É medicamento para tudo!”. Outra interlocutora, Tuca (mulher, autodeclarada branca, 28 anos), aponta que “treinar o corpo é terapêutico e um hábito saudável!”. Emblematicamente, Carla (mulher, autodeclarada parda, 38 anos) se tornou praticante de musculação apenas durante a pandemia da COVID-19 e chegou a retratar o seguinte: “treinar é indispensável, pois o corpo responde, de outras formas, às doenças!”.

No conjunto das entrevistas que compõem esta pesquisa, foi possível perceber que houve uma preocupação com a saúde biológica do corpo e a prevenção de doenças (leia-se contágio viral), fazendo com que as práticas de exercícios físicos estivessem sempre predominando na vida do sujeito. Especificamente nesta pandemia, os discursos referentes à busca pelo corpo dito saudável para evitar a “fraqueza do corpo” e à “baixa imunidade” foram frequentes na ótica dos(as) interlocutores(as) para justificar a necessidade dos exercícios físicos. Isso se deve, em parte, pela clássica sobreposição ou tensão entre as noções de “promoção” e “prevenção” na área da saúde (Czeresnia, 2017; Buss, 2017).

Assim, a busca por respostas terapêuticas relacionadas à COVID-19 intensificou os processos de medicalização no contexto da academia de musculação investigada. Nesse cenário, os exercícios físicos passaram a ocupar uma posição central na utilização dos corpos dos indivíduos, sendo concebidos como uma espécie de terapêutica indispensável para a manutenção da saúde durante o período pandêmico. Os(as) entrevistados(as) adotaram um discurso que atribuía aos exercícios físicos a capacidade de promover uma “imunidade alta” em oposição à “imunidade baixa”, percepção que era interpretada como um fator de risco tanto

para a infecção pela COVID-19 quanto para possíveis complicações decorrentes do vírus. Na ausência da prática de exercícios, os(as) participantes se percebiam como indivíduos “desviantes”, reforçando uma ideia medicalizada analisada por Conrad e Schneider (1992).

Assim, detectou-se a prática de exercícios físicos como remédio durante a pandemia, conformando novas tecnologias corporais na direção de reforçar ou acentuar o cruzamento entre as noções de saúde-doença e do movimentar-se. Também foi percebida a busca dos(as) interlocutores(as) pelo aprimoramento ou melhora da saúde (leia-se do ponto de vista biológico), contrapondo-se à doença. Ferreira, Castiel e Cardoso (2012, p. 837) argumentam que “a atividade física costuma ser tomada como remédio e o sedentarismo como doença, num evidente processo de medicalização”.

Exemplarmente, pode-se citar o estudo de Fraga *et al.* (2009), quando identificou um processo de medicalização nos discursos dos sujeitos ao alegarem que a caminhada servia como um medicamento a ser tomado. A investigação de Silva e Ferreira (2018) também demonstra como alguns sujeitos se apropriavam da musculação como uma lógica (bio)médica, no sentido de cura de seus mal-estares. Entretanto, aqui se revela como o contexto pandêmico deu outro caráter medicalizado de “remédio” aos exercícios físicos, como se estivessem “salvos” de qualquer acometimento viral da COVID-19.

Nesse contexto, as próprias publicações da academia de musculação em questão evidenciavam a promoção de um cuidado medicalizado fundamentado nos exercícios físicos:

Figura 1 – Postagem sobre exercício físico como remédio em “frasco”



Fonte: Conta oficial do estabelecimento no *Instagram*. Acesso em: jul. 2020.

Figura 2 – Postagem sobre exercício físico como remédio em “caixa”



Fonte: Conta oficial do estabelecimento no *Instagram*. Acesso em: jul. 2020.

Nas Figuras 1 e 2, foi possível captar como as publicações mercadorizaram os exercícios físicos ou o próprio estabelecimento a fim de vender seus serviços em tempos pandêmicos. Seja em “frasco” ou em “caixa”, as postagens indicavam o que os(as) praticantes deveriam tomar durante a pandemia. As mensagens plásticas e linguísticas de ambas as figuras revelam como a

racionalidade (bio)médica representada na ideia de medicamento teria a capacidade de resolver problemas que escapam da dimensão biológica.

Em ambas as figuras, por exemplo, percebe-se que tristeza/felicidade e falta/excesso de disposição, entre outros aspectos, são utilizados nas mensagens das postagens com o intuito de tornar os sujeitos dependentes do exercício físico, como se este fosse um fármaco para a vida inteira. Além disso, a ideia do profissional de saúde, representado na figura do “profissional de saúde que deveria ser consultado” para prescrição de “exercício físico orientado” ou um local para “tratamento” ante à COVID-19, coaduna-se com o pressuposto de Foucault (1986) quando destaca que, geralmente, instala-se um conhecimento biológico que exige o acompanhamento de um especialista desse tipo de racionalidade do corpo. Na mesma direção, Conrad e Schneider (1992) apontam que, geralmente, surge o pressuposto de uma autoridade (científica) que daria conta de resolver os problemas relacionados à saúde.

Nessas imagens analisadas, o corpo em um suposto estado de pré-enfermidade da COVID-19 se torna objeto e alvo de poder, ou seja “o corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam” (Foucault, 2004, p. 117). Entende-se que tais publicações aludam ao exercício físico, nas palavras de Rohden (2017), como uma necessidade de saúde mercantilizada ou fetichizada, conectando-se ao conceito de pharmaceuticalização ao transformar os sujeitos ditos saudáveis em reféns de melhorias abstratas de determinados estilos de vida pelo consumo de recursos farmacológicos, como discutem Williams, Martin e Gabe (2011).

Ressalta-se que, obviamente, os processos de medicalização/farmaceuticalização não se resumem ao contexto da COVID-19, uma vez que já existe uma capilarização discursiva sobre diferentes fármacos existentes atualmente no chamado mercado da saúde. Entretanto, no presente trabalho, argumenta-se que os dispositivos mercadológicos se potencializaram pela lógica do remédio, centrando-se não somente na direção da normalização ou reparação de si, mas também em uma eloquente busca por um “corpo aprimorado” que, a princípio, não se vincula diretamente à indústria da beleza, como discutido por Castro (2010).

Portanto, nesta pandemia, a busca para se libertar da COVID-19 fez com que os sujeitos simbolizassem as suas condições de saúde com base em um discurso biologizante, típico da autoridade médico-social (Conrad, 2007). Desse modo, diante desse cenário empírico, emerge a ideia do “corpo medicamentado” (logo, também imune) como uma nova fase da (bio)medicina moderna e, neste caso, derivada da prática de exercícios físicos. Com efeito, a atual noção de saúde liga-se diretamente à ideia de imunidade mais forte através da formação social de uma

subjetividade individual na qual o sujeito se sente no dever do “movimentar-se”, como poderá ser visto a seguir.

Exercício físico como “agente imunológico”

Foi possível observar que as conexões entre exercício físico e imunidade ganharam destaque no contexto pandêmico. Segundo os(as) entrevistados(as), o exercício na academia foi concebido de maneira medicalizada em resposta à COVID-19.

Guga (homem, autodeclarado negro, 21 anos) explicou: “No geral, atividade física e alimentação podem ajudar na imunidade!” e complementou: “A pandemia fez com que muitas pessoas procurassem a academia, pois o tratamento é de graça!”. Silva (mulher, autodeclarada parda, 23 anos) afirmou: “Qualquer exercício pode melhorar a imunidade, e eu acho que o fato de estar treinando quando tive COVID-19 fez com que os sintomas fossem brandos.” Safi (mulher, autodeclarada parda, 38 anos) destacou: “Os treinamentos melhoram minha imunidade.” Tuca (mulher, autodeclarada branca, 28 anos) declarou: “Treinar pode melhorar a imunidade, e ficar sem malhar faz sentir muito o corpo fraco.” Por sua vez, Dona (mulher, autodeclarada parda, 55 anos), com 20 anos de prática em musculação, relatou: “A academia me ajudou demais, pois tive até o COVID-19 e não sabia.” Mocê (homem, autodeclarado branco, 52 anos), praticante de musculação há 18 anos, pontuou: “Além da COVID-19, outras doenças podem acontecer para quem fica sem treinar na academia!”.

Identificou-se, assim, como os(as) frequentadores(as) dessa academia materializaram a importância da ideia de imunidade, principalmente durante a pandemia, na busca de exercícios físicos como forma de aprimoramento corporal. Ademais, os(as) interlocutores(as) sugerem como a rotina de exercícios físicos reduziu o impacto dos sintomas negativos da COVID-19. Assim, percebeu-se a reprodução discursiva do que a sociedade temia em tempos pandêmicos, o que, de algum modo, alinhava-se à perspectiva acientífica de “histórico de atleta”, defendida pelo presidente na época (Brito, 2022).

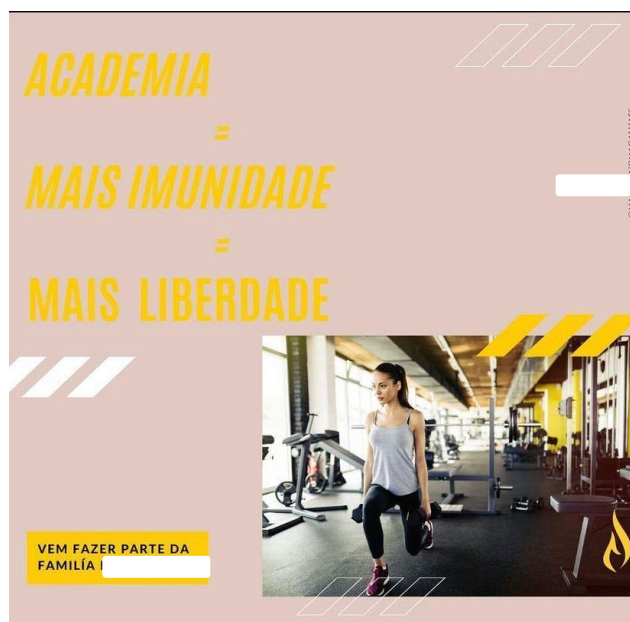
Assim, estar fisicamente ativo e imune significaria ser competente no modo de gerir a própria vida. Esse esquadramento biológico da vida cotidiana afeta o consumo em serviços de saúde, conforme problematizado por Boltanski (2004). Logo, embora a pandemia fosse uma realidade implicada em diversos aspectos que extrapolam o referencial (bio)médico, os(as) interlocutores(as) internalizavam que possíveis agravos à saúde no futuro derivariam das suas próprias condutas individuais. Caponi (2009, p. 530) lembra que “a medicalização de condutas classificadas como anormais se estendeu a praticamente todos os domínios de nossa existência”.

Desse modo, os(as) entrevistados(as) sentiam-se na necessidade de investir no exercício físico como “agente imunológico”, criando um novo padrão de gestão de si em tempos pandêmicos. Empregando uma expressão de Lupton (1993), a COVID-19 implantou uma modelização dos “estilos de vida saudáveis” também no cenário das academias de musculação. Entretanto, deve-se observar ainda que o processo de cultivação corporal pode ser diverso a depender dos contextos socioculturais e econômicos em diálogo com diferentes marcadores sociais da diferença, como identificaram Silva e Ferreira (2021).

Destarte, na microrrealidade estudada, criaram-se arranjos ou dispositivos de cuidado de si por meio das ideias de tecnocientificação dos exercícios físicos por uma ininterrupta busca de “saúde”. Pelos sujeitos serem cada vez mais autônomos no sentido de serem estimulados a se responsabilizarem pela sua própria condição de vida (Clarke *et al.*, 2003) ou, nos termos de Foucault (2008), “empresários de si mesmos”, hipervalorizavam a imunidade se tornando um imperativo ético-moral nesses espaços de exercícios físicos a partir de determinado discurso de saber-poder.

Neste cenário, as publicações dessa academia de musculação também bombardeavam o público do estabelecimento com a ideia positivada relacionando exercício físico e imunidade:

Figura 3 – Postagem sobre a relação entre exercício físico e imunidade no sentido de liberdade



Fonte: conta oficial do estabelecimento no *Instagram*. Acesso em: jul. 2020.

Figura 4 – Postagem sobre a relação entre exercício físico e imunidade no sentido do risco



Fonte: Conta oficial do estabelecimento no *Instagram*. Acesso em: jul. 2020.

Figura 5 – Postagem sobre a relação entre exercício físico e imunidade no sentido da vacinação



Fonte: Conta oficial do estabelecimento no *Instagram*. Acesso em: jul. 2020.

Nas Figuras 3 e 4, observa-se como a moldura, a dimensão e as cores das imagens criam uma identidade padronizada da academia no sentido de afirmar certa autoridade na mensagem durante o combate à COVID-19. Embora não explorem tanto os elementos plásticos, nota-se como a mensagem linguística é determinante em estabelecer que a academia de musculação seria fundamental não somente na ruptura do isolamento e distanciamento social representados na ideia de liberdade, como também na redução das chances de hospitalização. Isso, de algum modo, obscurece a necessidade de desmedicalização derivada de iniciativas multissetoriais e políticas públicas (Castiel; Guilam; Ferreira, 2010).

Especificamente na Figura 3, detectou-se como o processo linguístico atribui uma hipervalorização à prática de exercícios físicos como forma de evitar o contágio do vírus ou as complicações em casos de infecção por COVID-19. Gera-se umnexo entre o estabelecimento e o aumento da imunidade. Acrescenta-se, ainda, que a venda imaterial da liberdade pelo estabelecimento alude ao imaginário de que seria possível sair de casa e se relacionar física e presencialmente com outras pessoas sem prejuízos à saúde. O chamado realizado pela publicação nas redes sociais ocorreu em um contexto de proibição da abertura de estabelecimentos como academias, situação que, conforme Dias, Coimbra e Raposo (2021), estava diretamente ligada à influência da burguesia empresarial do setor *fitness*. Nesse cenário, frequentar a academia de musculação era visto como uma oportunidade de exercer a liberdade de se aglomerar e de interagir socialmente. Tal prática reflete um comportamento típico do negacionismo científico, que contribuiu para o aumento expressivo no número de casos de contaminação e mortes (Ferreira, 2021).

Como pode ser visto na Figura 4, havia também propagandas e postagens em redes sociais incentivando a abertura desses centros de exercícios físicos e buscando mostrar os benefícios com relação à imunidade, mesmo com aglomerações do público. Observa-se o aumento expressivo das preocupações com a imunidade na academia de musculação com respaldo em estudos científicos recentes, ratificando a necessidade da conscientização sobre a importância da continuidade dos exercícios físicos durante a pandemia para suportar os efeitos de uma possível contaminação por infecções virais. O texto da Figura 4 legitima a mensagem com os usos de supostos dados científicos como ferramenta de convencimento acerca da relevância dos exercícios físicos e, por consequência, do retorno às academias. Destarte, criou-se a disciplina que “é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente de regras” (Foucault, 1999a, p. 36). Na época, a Associação de Academias do Brasil criou um comitê de

gestão de crise da COVID-19 para ajudar as academias e todo nicho que a engloba a enfrentar as dificuldades que a pandemia do coronavírus proporcionou (Dias; Coimbra; Raposo, 2021).

Notoriamente, percebe-se como a doença se ramificou para uma perspectiva mercadológica. Argumenta-se que o corpo e a pandemia da COVID-19 dialogaram a todo o momento no espaço da academia de musculação, tendo a ideia da imunidade como elemento central do consumo. Isso confirma a problematização de Mendonça e Camargo Júnior (2012) quando destacam que há um complexo médico-industrial/financeiro que utiliza o conhecimento epidemiológico a partir de discursos da medicalização da vida social. Nesse caso, emerge a necessidade de uma formação profissional em Saúde crítica à indústria da medicalização (Rocha; Centurião, 2007) e que não seja atrelada, fundamentalmente, à indústria do culto ao corpo, como abordada por Castro (2010). Isso pode ser visto emblematicamente na perspectiva de Silva e Ferreira (2020) quando argumentam sobre a necessidade de uma intervenção ampliada na área de Educação Física a partir de referenciais socioculturais que extrapolem os elementos físico-orgânicos em academias.

Já a Figura 5 explora, com profundidade, não somente a mensagem linguística, como também a plástica, na direção de que, naquele ambiente de exercícios físicos, a COVID-19 não se instalaria. O *background* da postagem busca aliviar ou confortar os(as) frequentadores(as) da academia de musculação, sugerindo que o mundo (representado na imagem do globo), munindo-se dos recursos contra a COVID-19 (máscara e vacinação), favoreceria o retorno ao estabelecimento. Cria-se um imaginário de que o corpo exercitado naquele local seria sinônimo de corpo imune ao mundo exterior.

Durante o contato com os(as) entrevistados(as) entre 2021 e 2022, alguns sujeitos alegaram que tinham medo de comparecer à academia de musculação durante a “primeira fase da doença”. Já na “segunda fase”, era visível que já estavam à vontade para frequentar aquele espaço, pois a utilização facultativa de máscaras e do isolamento/ distanciamento social foi fundamental para se sentirem mais seguros para retornar com a prática de exercícios físicos.

Foi interessante compreender esse dado temporal do presente estudo que ocorreu ao longo da pandemia. Exemplarmente, vale destacar o ponto de vista de Rô (homem, autodeclarado negro, 30 anos), que pratica exercícios há mais de dez anos: “tive medo no início, mas o treino pode aumentar a imunidade entre outros benefícios. Por isso, preferi continuar treinando”. Ele também enfatizou que havia tomado três doses da vacina e que dificilmente pegaria o vírus e, caso fosse infectado, seria brando. Posteriormente, depois de alguns meses,

esse mesmo entrevistado relatou que havia se infectado com o vírus, mas não havia sentido “quase nada”.

Resumidamente, as Figuras 3, 4 e 5 se coadunam com a perspectiva dos(as) entrevistados(as), reforçando uma espécie de medicalização expressa na promessa sanitária com os exercícios físicos. Tais discursos êmico-imagéticos indicam que não praticar exercícios físicos tornaria o sujeito desviante, logo, ele deveria consumir os serviços do estabelecimento com o intuito de evitar uma vida patologizada ante à COVID-19. Com efeito, à luz de Conrad (2007), detectou-se uma expansão mercadológica lucrativa a partir de ditames abusivos da racionalidade (bio)médica que impuseram ou operacionalizaram o que seria uma vida normal com os pressupostos da imunidade frente ao vírus. Afinal, Foucault (1986, p. 7) já lembrava que “o conhecimento das doenças é a bússola do médico; o sucesso da cura depende de um exato conhecimento da doença”.

Entende-se, portanto, que os relatos dos(as) interlocutores(as) e as postagens da academia de musculação naturalizaram ou normalizaram os exercícios físicos como uma fórmula biologizante reducionista para evitar o contágio ou fragilizar o vírus. Moysés e Collares (2021) apontam que a medicalização cada vez mais se amplifica e se sofisticava no nível da biologia molecular, o que pôde ser visto no engajamento aos exercícios físicos durante o contexto da COVID-19. Assim, notou-se como a medicalização se fundamentou justamente na ideia de controle moral e social do corpo em movimento e de como levar “imunologicamente” a própria vida no contexto de consumo dessa academia de musculação.

Considerações finais

Em termos gerais, foi possível capturar como os processos de medicalização se apresentaram nas relações entre exercício físico e imunidade em uma academia de musculação durante a pandemia da COVID-19. Ainda que atualmente não haja emergência em Saúde Pública por causa dessa doença, argumenta-se que tal período pandêmico afetou consideravelmente os cuidados dos sujeitos para/com a saúde-doença, como pôde ser visto na relação entre exercício físico e imunidade.

Os achados deste estudo, organizados nos eixos discursivos do exercício físico como “remédio” e como “agente imunológico,” demonstram como a pandemia, com suas proporções devastadoras no âmbito socio-sanitário, influenciou as práticas de atividade física. Essas práticas enfatizaram ainda mais a busca pela chamada “saúde” e o fortalecimento da imunidade, premissas que foram entendidas como capazes de combater o vírus. Nesse contexto, na

academia de musculação analisada, o corpo, ao mesmo tempo em que era visto como suscetível à doença, também era compreendido como um recurso ativo no enfrentamento à COVID-19.

Dessa forma, no conjunto do material produzido nesta pesquisa, ficou evidente a relação entre o corpo (aqui forjado pelos exercícios físicos) e a ideia da imunidade ante à COVID-19, tanto nos discursos dos(as) entrevistados(as), quanto nas publicações do estabelecimento na rede social. Em suma, tais discursos reivindicavam os exercícios físicos na academia de musculação como tecnologias importantes no manejo da COVID-19.

Postula-se, portanto, que nesse estabelecimento se instituíram, dicotomicamente, duas noções de imunidade que dialogam com as relações entre natureza e cultura: uma de caráter “biofisiológica”, calcada em parâmetros estatístico-biomédicos, e outra “socio-simbólica”, retratada nas redes de sociabilidade, indústria dos medicamentos, exercícios físicos, alimentos, etc. Ante à COVID-19, construíram-se, assim, uma multiplicidade de respostas ditas terapêuticas contra o vírus, potencializando os processos de medicalização no espaço dessa academia.

Conclui-se que os imperativos discursivos do corpo imune se massificaram ou se capilarizaram nesses tipos de estabelecimentos comerciais, como as academias de musculação. Nessa direção, recomenda-se a iniciativa de outros empreendimentos investigativos que centrem suas análises para uma espécie de indústria da imunidade via consumo dos exercícios físicos e outros dispositivos ou redes de cuidados (medicalizantes) de si.

REFERÊNCIAS

BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

BRITO, Leandro Teofilo de. “Enfrentar o vírus como homem e não como moleque”: quando a masculinidade tóxica se torna genocida. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 150-162, 2022. DOI: 10.12957/redoc.2022.62923. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/62923>. Acesso em: 25 jan. 2024.

BUSS, Paulo Marchiori. Uma introdução ao conceito de promoção da saúde. *In*: CZERESNIA, Dina; FREITAS, Carlos Machado de. (org.). **Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2017.

CAMARGO JÚNIOR, Kenneth Rochel. Medicalização, farmacologização e imperialismo sanitário. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 5, p. 844-846, 2013. DOI: 10.1590/S0102-311X2013000500002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/k8VGHm5MtMs9T9PYxRDwFLz/?lang=pt>. Acesso em: 25 jan. 2024.

CAPONI, Sandra. Biopolítica e medicalização dos anormais. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 529-549, 2009. DOI: 10.1590/S0103-73312009000200016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/xHyxtGjNn96bkkSJFbBxGCC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 25 jan. 2024.

CARVALHO, Sérgio *et al.* Medicalização: uma crítica (im)pertinente? **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p. 1251-1269, 2015. DOI: 10.1590/S0103-73312015000400011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/mW8FpY6CwpWrPGVLPbCxBQq/>. Acesso em: 25 jan. 2024.

CASTIEL, Luis David; GUILAM, Maria Cristina Rodrigues; FERREIRA, Marcos Santos. **Correndo o risco: uma introdução aos riscos em saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

CASTRO, Ana Lúcia de. Indústria da beleza: uma abordagem sócio-antropológica do culto ao corpo na cultura contemporânea. **Latitude**, Maceió, v. 4, n. 1, p. 54-73, 2010. DOI: 10.28998/lte.2010.n.1.818. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/818>. Acesso em: 25 jan. 2024.

CLARKE, Adele *et al.* Biomedicalization: technoscientific transformation of health, illness and U.S. biomedicine. **American Sociological Review**, New York, v. 68, n. 2 p. 161-194, 2003. DOI: 10.2307/1519765. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1519765>. Acesso em: 25 jan. 2024.

CONRAD, Peter; SCHNEIDER, Joseph. **Deviance and medicalization: from badness to sickness**. Philadelphia: Temple University Press, 1992.

CONRAD, Peter. **The medicalization of society: on the transformation of human conditions into treatable disorders**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2007.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **História do corpo: da Revolução à Grande Guerra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CZERESNIA, Dina. O conceito de saúde e a diferença entre prevenção e promoção. *In*: CZERESNIA, Dina; FREITAS, Carlos Machado de. (org.). **Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2017.

DIAS, Graziany Penna; COIMBRA, Tatiane Carneiro; RAPOSO, Bruno Martins. ACAD e o sistema CONFEF/CREFS: a burguesia do fitness e a pandemia da COVID-19 no Brasil. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 454-469, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/39575>. Acesso em: 25 jan. 2024.

FELDMAN, Zeena; GOODMAN, Michael. Cultura alimentar digital, poder e a vida cotidiana. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, Araraquara, v. 23, n. esp. 1, e023007, 2023. DOI: 10.47284/cdc.v23iesp.1.18358. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/18358>. Acesso em: 25 jan. 2024.

FERREIRA, Jaqueline. Necropolítica, poder e significados da pandemia do coronavírus: uma abordagem antropológica. **Revista Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 24, e66274, 2021. DOI: 10.5216/sec.v24.66274. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/66274>. Acesso em: 25 jan. 2024.

FERREIRA, Marcos Santos; CASTIEL, Luis David; CARDOSO, Maria Helena Cabral de Almeida. A patologização do sedentarismo. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 836-847, 2012. DOI: 10.1590/S0104-12902012000400004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/6Q55wRpd9mzzwXN9TqQFyXt/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 25 jan. 2024.

FLECK, Steven; KRAEMER, William. **Fundamentos do treinamento de força muscular**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999a.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. Historia de la medicalización. **Educación Médica y Salud**, Washington, v. 11, n. 1, p. 3-25, 1977.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 29 ed., Petrópolis: Vozes, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRAGA, Alex Branco *et al.* Significados de atividade física e saúde em caminhantes: das camadas metodológicas à construção de uma agenda analítica. *In:* FRAGA, Alex Branco; WACHS, Felipe (org.). **Educação Física e saúde coletiva**: políticas de formação e perspectivas de intervenção. Porto Alegre: Editora da UFGRS, 2007.

GAUDENZI, Paula; ORTEGA, Francisco. O estatuto da medicalização e as interpretações de Ivan Illich e Michel Foucault como ferramentas conceituais para o estudo da desmedicalização. **Interface – Comunicação, Saúde e Educação**, Botucatu, v. 16, n. 40, p. 21-34, 2012. DOI: 10.1590/S1414-32832012005000020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/XjXvsdynqRSNX8XdZWGbVRv/?lang=pt>. Acesso em: 25 jan. 2024.

GILL, Rosalind. Análise de discurso. *In:* BAUER, Martin; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

ILLICH, Ivan. **A expropriação da saúde**: nêmesis da Medicina. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa: Ed. 70, 1996.

LE BRETON, David. **La sociologie du corps**. Paris: Puf, 2016.

LUPTON, Deborah. Risk as moral danger: the social and political functions of risk discourse in public health. **International Journal of Health Services**, Westport, v. 23, n. 3, p. 425-435, 1993. DOI: 10.2190/16AY-E2GC-DFLD-51X2. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/8375947/>. Acesso em: 25 jan. 2024.

MENDONÇA, André Luis Oliveira; CAMARGO JÚNIOR, Kenneth Rochel. Complexo médico-industrial/financeiro: os lados epistemológico e axiológico da balança. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 215-238, 2012. DOI: 10.1590/S0103-73312012000100012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/7gJmtgzjNBykpL9hvV3Q6pj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 25 jan. 2024.

MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. *In:* CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **História do corpo**. As mutações do olhar: o século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso; COLLARES, Cecilia Azevedo Lima. Diferenças, desigualdades e direitos: raízes da medicalização/patologização da vida e na escola. *In:* CECCIM, Ricardo Burg; FREITAS, Cláudia Rodrigues de (org.). **Fármacos, remédios, medicamentos**: o que a Educação tem com isso? Porto Alegre: Rede Unida, 2021.

NEGRÃO, Carlos Eduardo; BARRETTO, Antônio Carlos Pereira; RONDON, Maria Urbana Pinto Brandão. **Cardiologia do exercício**: do atleta ao cardiopata. 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2019.

NOGUEIRA, Quéfren Weld Cardozo. **Além das próprias forças**: origens e caminhos das ciências do esporte no Brasil entre as décadas de 1930 e 1980. Curitiba: CRV, 2023.

ORTEGA, Francisco. Biopolíticas da saúde: reflexões a partir de Michel Foucault, Agnes Heller e Hannah Arendt. **Interface – Comunicação, Saúde e Educação**, Botucatu, v. 8, n. 14, p. 9-20, 2004. DOI: 10.1590/S1414-32832004000100002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/KRqrqqJGqK6vshf4KKrkCbw/>. Acesso em: 25 jan. 2024.

PITANGA, Francisco José Gondim; BECK, Carmem Cristina; PITANGA, Cristiano Penas Seara. Inatividade física, obesidade e COVID-19: perspectivas entre múltiplas pandemias. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, Pelotas, v. 25, e0114, 2020. DOI: 10.12820/rbafs.25e0114. Disponível em: <https://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/14262>. Acesso em: 25 jan. 2024.

PITANGA, Francisco José Gondim *et al.* Atividade física e mortalidade por COVID-19 nas capitais brasileiras: uma análise ecológica. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 6, p. 573-577, 2021. DOI: 10.1590/1517-8692202127062021_0071. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbme/a/mZVjDXRbN8J5wwVB7GbgsWz/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 25 jan. 2024.

ROCHA, Vera Maria da; CENTURIÃO, Carla Haas. Profissionais da saúde: formação, competência e responsabilidade social. In: FRAGA, Alex Branco; WACHS, Felipe (org.). **Educação Física e saúde coletiva: políticas de formação e perspectivas de intervenção**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

ROHDEN, Fabíola. Vida saudável versus vida aprimorada: tecnologias biomédicas, processos de subjetivação e aprimoramento. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 23, n. 47, p. 29-60, 2017. DOI: 10.1590/S0104-71832017000100002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/NHHX5NcL4yFYXNX88msZyXh/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 25 jan. 2024.

SABINO, César. **O peso da forma: cotidiano e uso de drogas entre fisiculturistas**. 2004, 366 f. Tese (doutorado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SILVA, Alan Camargo. Apresentação. In: SILVA, Alan Camargo (org.). **Corpo e práticas corporais em academias de ginástica**. Curitiba: Bagai, 2022.

SILVA, Alan Camargo. **Corpos no limite: suplementos alimentares e anabolizantes em academias de ginástica**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. Entre remediar e prevenir: uma etnografia sobre o manejo da dor e dos “limites” corporais em academias de ginástica do Rio de Janeiro. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 1, p. 107-118, 2018. DOI: 10.5216/rpp.v21i1.39631. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/feff/article/view/39631>. Acesso em: 24 abr. 2024.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. Corpo “educado”: atuação pedagógica de professores de Educação Física em academias de ginástica. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 1-16, 2020. DOI: 10.5007/2175-8042.2020e76554. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/76554>. Acesso em: 07 abr. 2024.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. Evolução das academias de ginástica no Brasil e sua relação com a saúde. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 24, n. 262, 2020. DOI: 10.46642/efd.v24i262.1897. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/1897>. Acesso em: 24 abr. 2024.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. No pain, no gain? Sentidos e significados atribuídos às dores e aos riscos entre malhar e treinar em academias de ginástica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 1-13, 2021. DOI: 10.11606/issn.1981-4690.v35i1p1-13. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/184416>. Acesso em: 07 abr. 2024.

SCHWANDT, Thomas. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. *In*: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

WILLIAMS, Simon; MARTIN, Paul; GABE, Jonathan. The pharmaceuticalisation of society? A framework for analysis. **Sociology of Health and Illness**, London, v. 33, n. 5, p. 710-725, 2011. DOI: 10.1111/j.1467-9566.2011.01320.x. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21371048/>. Acesso em: 25 jan. 2024.

ZOLA, Irving. Medicine as an institution of social control. **The Sociological Review**, London, v. 4, p.487-504, 1972. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43618673>. Acesso em: 25 jan. 2024.

ZORZANELLI; Rafaela Teixeira; ORTEGA, Francisco; BEZERRA JÚNIOR, Benilton. Um panorama sobre as variações em torno do conceito de medicalização entre 1950-2010. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 6, p. 1859-1868, 2014. DOI: 10.1590/1413-81232014196.03612013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/nqv3K7JRXxmrBvq5DcQ88Qz/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 25 jan. 2024.

CRediT Author Statement

- Reconhecimentos:** Não se aplica.
 - Financiamento:** Não se aplica.
 - Conflitos de interesse:** Não houve conflitos de interesse de qualquer natureza.
 - Aprovação ética:** O presente estudo se orientou pelos procedimentos éticos da Resolução n.º 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Este trabalho faz parte da dissertação de mestrado do primeiro autor e não houve a submissão no Comitê de Ética.
 - Disponibilidade de dados e material:** Os dados e materiais utilizados no trabalho estão armazenados apenas para fins de pesquisa.
 - Contribuições dos autores:** O primeiro autor foi responsável pela idealização da pesquisa, trabalho de campo e sistematização/organização do manuscrito. O segundo autor contribuiu para a escrita deste texto, em especial, com a articulação teórico-metodológica em diálogo com o material empírico. Já o terceiro autor foi o supervisor e orientador deste trabalho, ficando responsável por todas as etapas da pesquisa.
-